

EDIÇÃO ESPECIAL DE CARNAVAL



Tata Barreto/Notur

#cm
2
FIM DE SEMANA

A GRANDE ÓPERA POPULAR BRASILEIRA ESTÁ DE VOLTA

CONFIRA COMO SERÃO OS DESFILES DAS ESCOLAS DO GRUPO ESPECIAL E DA SÉRIE OURO DO CARNAVAL DO RIO



APRESENTAÇÃO



O carnaval 2026 escancarou uma escolha coletiva das escolas de samba do Rio: homenagear pessoas. Artistas, intelectuais, criadores, lideranças culturais e um sambista. Da Série Ouro ao Grupo Especial, a avenida será atravessada por biografias - Roberto Burle Marx, Conceição Evaristo, Leci Brandão, Ney Matogrosso, Rita Lee, Mestre Ciça, o presidente Lula, entre tantos outros. Não se trata de coincidência nem de simples reverência. É leitura de cenário.

A vitória da Beija-Flor em 2025 foi decisiva nesse processo. Ao conquistar o título com um enredo em homenagem ao mestre Laíla, figura profundamente popular e central na história das escolas de samba, a azul-e-branco mostrou que a biografia, quando conectada à memória afetiva do público e da própria comunidade do samba, segue sendo um caminho poderoso. O recado foi rapidamente assimilado.

A homenagem a Mestre Ciça, pela Unidos do Viradouro em 2026, dialoga diretamente com essa lógica. Assim como as escolhas da Unidos da Tijuca, ao celebrar Carolina Maria de Jesus, e do Império Serrano, ao exaltar Conceição Evaristo, apontam para algo que vai além do currículo ou do reconhecimento formal. São figuras de forte identificação popular; trajetórias de enfrentamento e pertencimento que conversam diretamente com a base social do carnaval. A avenida passa a

DE ACORDO COM A MARÉ

FRED SOARES* Especial para o Correio da Manhã

ser também um espaço de afirmação simbólica dessas narrativas.

Historicamente, o carnaval sempre funcionou assim. Nos anos 1960, Fernando Pamplona e o grupo oriundo da Escola de Belas Artes da UFRJ mudaram a estética do desfile, introduzindo uma concepção moderna e dramatúrgica. O impacto foi imediato e seguido por outras escolas. Nos anos 1970, Joãozinho Trinta levou o espetáculo ao excesso: alegorias monumentais, luxo ostensivo, grandiosidade visual - e, mais uma vez, a avenida acompanhou, mesmo com o aumento expressivo dos custos.

O mesmo movimento se observa na música. Durante décadas, os sambas-enredo foram longos, poéticos, cheios de imagens e melodias sinuosas. A partir dos anos 1970, ganha força o samba mais curto, mais marchado, mais direto. Não foi uma ruptura isolada, mas uma mudança que se espalhou porque funcionava.

As comissões de frente talvez sejam o exemplo mais didático dessa lógica coletiva. Durante muito tempo, eram compostas por integrantes da velha

guarda, elegantemente vestidos, quase sem coreografia, cumprindo um ritual de abertura. Quando surgiram as comissões fantasiadas, coreografadas e com linguagem teatral, todas seguiram. Depois, quando uma escola colocou uma alegoria na comissão de frente, o efeito dominó foi imediato. A tendência não foi contrariada: foi incorporada.

O que 2026 revela, portanto, não é apenas uma “moda das homenagens”. É o funcionamento interno do carnaval. A escola que acerta não cria um desvio, cria um caminho. E, quase sempre, esse caminho é seguido.

A questão que se coloca é: até que ponto essa tendência, historicamente tão comum na avenida, também não impõe limites à invenção? O Carnaval sempre avançou por meio de tendências vitoriosas, mas também por rupturas pontuais, por gestos de risco que contrariaram o senso comum do momento. Quando muitas olham para o mesmo norte, corre-se o risco de empobrecer a diversidade de soluções, mesmo que o ponto de partida seja legítimo e potente.

Ao transformar trajetórias individuais em enredo, as escolas reafirmam o desfile como espaço de memória, identidade e reconhecimento popular. A biografia vira alegoria, a trajetória vira samba, o indivíduo vira símbolo. Aos 94 anos do desfile das escolas de samba, a avenida já mostrou mais de uma vez que evolui não apenas seguindo caminhos, mas também abrindo novos.

**Jornalista com 30 anos de cobertura carnavalesca*



DIA 15
22H



ACADÊMICOS DE NITERÓI

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
26/03/2018
Cores
Azul e Branco
Presidente
Wallace Palhares
Carnavalesco
Tiago Martins
Diretores de Carnaval
Hamilton Junior e Ricardo Simpatia
Intérprete
Emerson Dias
Mestre de Bateria
Branco Ribeiro
Rainha de Bateria
Vanessa Rangeli
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Emanuel Lima e Tainara Mathias
Comissão de Frente
Marlon Cruz e Handerson Big

ENREDO

DO ALTO DO MULUNGU SURGE A ESPERANÇA: LULA, O OPERÁRIO DO BRASIL

AUTORES:
Teresa Cristina,
André Diniz, Paulo
Cesar Feital, Fred
Camacho, Junior
Fionda, Arlindinho,
Lequinho, Thiago
Oliveira e
Tem-Tem Jr
INTÉRPRETE:
Emerson Dias

Eu vi brilhar a estrela de um país
no choro de Luiz, à luz de Garanhuns
lugar onde a pobreza e o pranto
se dividem para tantos
e a riqueza multiplica para alguns
me via nos olhares dos meus filhos
assombrados e vazios com o peito em pedaços
parti atrás do amor e dos meus sonhos
peguei os meus meninos pelos braços
brilhou um sol da pátria incessante
pro destino retirante te levei Luiz Inácio
por ironia, treze noites, treze dias
me guiou Santa Luzia, São José alumiou
da esquerda de Deus pai, da luta sindical
à liderança mundial

Vi a esperança crescer e o povo seguir sua voz
revolucionário é saber escolher os seus heróis
Zuzu Angel, Henfil, Vladimir
que pagaram o preço da raiva

Nós ainda estamos aqui no Brasil de Rubens Paiva
lute pra vencer, aceite se perder
se o ideal valer, nunca desista
não é digno fugir, nem tão pouco permitir
leiloarem isso aqui a prazo, à vista
é... Tem filho de pobre virando doutor
comida na mesa do trabalhador
a fome tem pressa, Betinho dizia
é.. Teu legado é espelho das minhas lições
sem temer tarifas e sanções

assim que se firma a soberania
sem mitos falsos, sem anistia

Quanto custa a fome? Quanto importa a vida?
Nosso sobrenome é Brasil da Silva
vale uma nação, vale um grande enredo
em Niterói o amor venceu o medo

Olê, olê, olê, olá
Vai passar nessa avenida mais um samba
popular
Olê, olê, olê, olá, Lula! Lula!



Eduardo Hollanda/Rio Carnaval

A enredo da novata Acadêmicos de Niterói aposta em símbolos e imagens que tratam da resistência do povo nordestino

A TRAJETÓRIA DE
UM RETIRANTE

FRED SOARES
Especial para o Correio da Manhã

A Acadêmicos de Niterói vive um momento histórico neste Carnaval de 2026. Fundada em 2018, a escola conquistou em 2025 o título da Série Ouro e, com ele, o direito de desfilar pela primeira vez entre as grandes do samba carioca. A vitória veio com o enredo “Vixe Maria”, uma celebração das festas juninas que arrebatou público e jurados e consolidou a jovem agremiação como uma força emergente do carnaval.

No domingo de Carnaval, a azul e branca da cidade-sorriso entra na Marquês de Sapucaí carregando um projeto ambicioso. O enredo “Do alto do mulungu surge a esperança: Lula, o operário do

Brasil” aposta numa narrativa biográfica e simbólica da trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva, partindo da infância no agreste nordestino até sua projeção nacional como líder sindical e político.

À frente da concepção artística está o carnavalesco Tiago Martins, mantido no cargo após o título no acesso. Para ele, a escolha do tema dialoga diretamente com a essência do carnaval. “A gente não quis fazer um desfile meramente cronológico. A ideia foi trabalhar símbolos, sentimentos e imagens que ajudassem o público a entender uma trajetória de superação que é coletiva, não apenas individual”, explica o carnavalesco.

Segundo Tiago, o mulungu surge como metáfora de resistência, abrigo e esperança, conectando o Brasil profundo ao espetáculo da avenida. “É um enredo que fala de origem, de deslocamento e de luta.

O carnaval tem essa potência de contar histórias complexas de forma sensível, acessível e emocionante.”

O samba-enredo, lançado com festa na quadra ainda em setembro, reúne um time de peso na composição, com nomes como Teresa Cristina, André Diniz, Paulo César Feital, Fred Camacho, Junior Fionda, Arlindinho, Lequinho, Thiago Oliveira e Tem-tem Jr. O canto forte e narrativo se tornou um dos pontos de sustentação dos ensaios e da preparação da escola ao longo da temporada.

Para defender o samba na avenida, a Acadêmicos de Niterói apostou na contratação do intérprete Emerson Dias, que assume o carro de som neste Carnaval. A bateria Cadência de Niterói, agora comandada pelo mestre Branco Ribeiro, mantém a base rítmica que marcou a campanha vitoriosa no acesso, prometendo impacto já nas primeiras bossas.

Outro destaque importante da estreia no Grupo Especial é o novo primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, formado por Emanuel Lima e Thainara Matias. A dupla chega com a missão de defender o pavilhão azul e branco em seu primeiro desfile na elite, unindo técnica, leveza e identidade com o projeto da escola.

A comissão de frente também foi reformulada para este ano, com a chegada dos coreógrafos Handerson Big e Marlon Cruz, que apostam numa encenação clara e comunicativa para apresentar o enredo logo no início do desfile, conectando o público à narrativa antes mesmo do primeiro carro alegórico.

À frente da escola, o presidente Wallace Palhares faz questão de destacar o caráter coletivo desse momento histórico. “Nada disso faria sentido se a escola não estivesse com a comunidade dentro da avenida. A prioridade sempre foi garantir que quem construiu essa história estivesse presente nesse desfile”, afirma. Segundo ele, o acesso ao Grupo Especial exigiu organização, planejamento e responsabilidade. “A gente sabe o tamanho do desafio, mas a Acadêmicos de Niterói não chega aqui para passear. Chega com os pés no chão, com trabalho e com respeito à sua própria trajetória.”

Com alas majoritariamente formadas por integrantes da cidade e forte adesão popular desde o anúncio do enredo, a escola transforma sua estreia na Sapucaí em um ato de afirmação. Mais do que um desfile, a Acadêmicos de Niterói apresenta um projeto que mistura identidade local, narrativa nacional e ambição artística - uma estreia que carrega o peso da história e o frescor de quem ainda está escrevendo a sua.

DIA 15
23H30



IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação

06/03/1959

Cores

Verde, Branco e Ouro

Presidente de Honra
(in memorian)

Luiz Pacheco Drumond

Presidente

Cátia Drumond

Carnavalesco

Leandro Vieira

Diretores de
Carnaval

André Bonatte

Intérprete

Pitty de Menezes

Mestre de Bateria

Lolo

Rainha de Bateria

Iza

Mestre-Sala e
Porta-Bandeira

Phelipe Lemos e
Rafaela Theodoro

Comissão de Frente

Patrick Carvalho

ENREDO

CAMALÊONICO

AUTORES:

Gabriel Coelho,
Alexandre
Moreira,Guilherme
Macedo, Chicão,
Antônio Crescente,
Bernardo Nobre,
Hélio Porto, Aldir
Senna, Orlando
Ambrosio, Miguel
Dibo, Marcelo
Vianna e Wilson
Mineiro

INTÉRPRETE:

Pitty de Menezes

Sou meio homem, meio bicho
o silêncio e o grito
pássaro, mulher
que pinta a verdade no rosto
traz a coragem no corpo
e nunca esconde o que é
pelo visível, indefinível
ressignifica o frágil
o que confunde é o desbunde
do que desafia o fácil

canto com alma de mulher
arte que sabe o que quer

e não se esqueça

eu sou o poema que afronta o sistema
a língua no ouvido de quem censurar
livre para ser inteiro
pois, sou homem com h
e como sou...

o bicho, bandido, pecado e feitiço
pavão de mistérios, rebelde, catiço
a voz que à cálida rosa deu nome
a força de athenas que o mal não consome
o sangue latino que vira

vira, vira lobisomem
eu juro que é melhor se entregar
ao jeito felino provocador
devoro pra ser devorado
não vejo pecado ao sul do equador

se joga na festa, esquece o amanhã
minha escola na rua pra ser campeã!

Vem meu amor
vamos viver a vida
bota pra ferver
que o dia vai nascer feliz na leopoldina

MEIO HOMEM, MEIO BICHO, TEM NEY NA AVENIDA

FRED SOARES

Especial para o Correio da Manhã

A Imperatriz Leopoldinense volta à Marquês de Sapucaí em 2026 com um desfile que mistura ousadia, música e identidade cultural. Tradicional escola do bairro de Ramos, fundada em 1959, a agremiação entra na avenida neste domingo de carnaval como a segunda escola do Grupo Especial, levando para o público o enredo “Camaleônico”, uma homenagem à trajetória artística e à performance singular de Ney Matogrosso, um dos ícones mais audaciosos da música popular brasileira.

Depois de conquistar a terceira colocação no último Carnaval, com “Ômi Tútu ao Olúfon - Água fresca para o senhor de Ifón”, a Imperatriz chega a este ano com expectativas renovadas e a missão clara de buscar o décimo título de sua história na elite do samba carioca.

O responsável por traduzir o enredo em forma, cores e alegorias é o carnavalesco Leandro Vieira, que segue à frente do projeto pelo quarto ano consecutivo. Para ele, a escolha de Ney Matogrosso vai além da biografia musical e dialoga com a própria essência do carnaval. “Esse enredo é um convite para olhar o Brasil com os olhos de quem não teme mudar, reinventar e ser plural. Ney sempre transitou entre linguagens, gêneros e sensações, e é essa liberdade que queremos colocar na avenida”, afirma o carnavalesco.

A definição do samba-enredo foi marcada por um processo intenso na quadra e terminou, novamente, em uma decisão pouco comum, mas já conhecida pela escola. Pela segunda

vez em tempos recentes, a Imperatriz optou por uma fusão de sambas concorrentes para chegar à obra final que será cantada na avenida. A última experiência semelhante havia ocorrido no Carnaval de 2024, quando a escola levou para a Sapucaí o enredo “Com a sorte virada pra lua, segundo o testamento da cigana Esmeralda”.

A presidente da escola, Cátia Drumond, destacou o envolvimento coletivo e a maturidade da decisão. “Foi um pro-



Eduardo Hollanda/Flickr Rio Carnaval

A figura imponente de Ney Matogrosso desde o tempo dos Secos & Molhados emerge no desfile da Imperatriz

cesso muito bonito e muito responsável. A gente entendeu que duas obras se complementavam e que a fusão entregaria um samba mais forte, mais conectado com o enredo e com a comunidade”, explica a dirigente.

Segundo ela, a escolha reflete um modelo de construção artística que prioriza o conjunto do desfile. “A Imperatriz tem buscado soluções que fortaleçam o todo. O samba precisa servir ao enredo e à escola.”

A bateria Swing da Leopoldina, comandada pelo mestre Lolo, segue como um dos pilares da escola e promete uma apresentação de grande impacto rítmico. No carro de som, o intérprete Pitty de Menezes segue à frente da função, dando continuidade ao trabalho desenvolvido nas últimas temporadas, com potência vocal, clareza na condução do samba e forte comunicação com os componentes.

No quesito mais técnico da avenida, a Imperatriz mantém o casal de mestre-sala e porta-bandeira formado por Phelipe Lemos e Rafaela Theodoro. Reconhecida pela precisão, elegância e sintonia, a dupla terá a missão de defender o pavilhão verde, branco e ouro em um desfile que exige leitura clara do enredo e forte presença cênica.

A comissão de frente, assinada pelo coreógrafo Patrick Carvalho, aposta em movimentos que dialogam com a ideia de transformação constante, explorando a fluidez e a versatilidade como conceitos centrais da apresentação inicial da escola.

Durante a preparação para o desfile, o barracão da Imperatriz recebeu visitas importantes, entre elas a do próprio Ney Matogrosso, que acompanhou parte do desenvolvimento das alegorias e fantasias. A presença do homenageado reforçou o caráter simbólico e afetivo do projeto junto à comunidade.

Para Cátia Drumond, o foco da escola é transformar toda a preparação em um desfile consistente. “A Imperatriz tem uma história muito forte e uma comunidade que sabe o que é carnaval. Cada detalhe foi pensado com responsabilidade e amor pela escola, para que a gente possa fazer um grande desfile”, afirma a presidente.

Com um enredo que celebra a liberdade artística, a diversidade e a potência da música brasileira, a Imperatriz Leopoldinense entra na Sapucaí neste domingo de carnaval reafirmando seu legado e sua ambição competitiva, apostando em um espetáculo de emoção, estética e identidade.

DIA 15
1H



PORTELA

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
11/04/1923

Cores
Azul e Branco

Presidente de Honra
Vilma Nascimento

Presidente
Junior Escafura

Carnavalesco
André Rodrigues

Diretores de Carnaval
Júnior Schall, Higor Machado e Claudinho Portela

Intérprete
Zé Paulo Sierra

Mestre de Bateria
Vitinho

Rainha de Bateria
Bianca Monteiro

Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marlon Lamar e Squel Jorgea

Comissão de Frente
Cláudia Mota e Edifranc Alves

ENREDO

O MISTÉRIO DO PRÍNCIPE DO BARÁ – A ORAÇÃO DO NEGRINHO E A RESSURREIÇÃO DE SUA COROA SOB O CÉU ABERTO DO RIO GRANDE

AUTORES:

Valtinho
Botafofo,
Raphael Gravino,
Gabriel Simões,
Braga, Cacau
Oliveira, Miguel
Cunha e Dona
Madalena

INTÉRPRETE:

Zé Paulo Sierra

É bará, é bará... Ôô!
Quem rege a sua coroa, Bará?
É o rei de Sapaktá
aláfia do destino no ifá!
Tem mistério que encandeia
pro batuque começar
sou mistério que encendeia
pra Portela incorporar

Vai, negrinho... Vai fazer libertação
resgatar a tradição
onde a áfrica assenta
ó, corre gira, vem revelar
o reino de Ajudá
o pampa é terra negra em sua essência

alupo, meu senhor, alupô!
Vai ter xirê no toque do tambor
alumia o cruzeiro... Chave de encruzilhada
É macumba de Custódio no
romper da madrugada

Curandeiro, feiticeiro,
batuqueiro precursor
pôs a nata no gongá (ô, iaiá!)
fundamento em seu terreiro
resiste a fé no orixá
da crença no mercado
ao rito do rosário
ainda segue vivo o seu legado
Portela... Tu és o próprio trono de Zumbi

do samba, a majestade em cada ori
yalorixá de todo axé
enquanto houver um pastoreio
a chama não apagará
não há demanda que o povo
preto não possa enfrentar

Ae oni bará! Ae babá lodé!
A Portela reunida carregada no dendê
sob o céu do Rio Grande
tem reza pra abençoar
o príncipe herdeiro da coroa do Bará!

BATUQUE E DENDÊ EM
TERRAS GAÚCHAS

RAFAEL LIMA

A Portela chega ao Carnaval 2026 em clima de reconstrução, afirmação e reencontro com sua própria grandeza. A Majestade do Samba revive um momento de força coletiva, com a comunidade aquecida, unida e cantando forte, refletindo um trabalho interno que devolveu à azul e branca de Oswaldo Cruz e Madureira a confiança, o orgulho e a vibração que sempre marcaram seus grandes carnavais. O que se vê na preparação é uma Portela viva, pulsante e determinada a ocupar novamente o lugar de protagonismo na Marquês de Sapucaí, vindo para a Avenida carregada no dendê, como canta o próprio samba-enredo.

O enredo “O Mistério do Príncipe do Bará: A oração do negrinho e a ressurreição de sua coroa sob o céu aberto do Rio Grande” leva para a Avenida uma narrativa profunda sobre ancestralidade, fé, espiritualidade e realeza negra.

A escola mergulha na história de Custódio Joaquim de Almeida, figura central na formação do batuque no Rio Grande do Sul, para construir um desfile que conecta passado e presente, exaltando a resistência cultural, a memória afro-brasileira e a permanência dos valores africanos no Brasil. A proposta dialoga diretamente com a tradição portelense de unir poesia, rigor estético e conteúdo histórico.

Nos ensaios técnicos, a Portela mostrou um conjunto consistente, com canto forte da comunidade, evolução segura e envolvimento total dos segmentos. A passagem da escola pela Sapucaí foi marcada por empolgação nas arquibancadas, reforçando a sensação de que a azul e branca chega ao desfile com energia renovada, alto poder de comunicação e uma identidade coletiva fortalecida.

À frente da bateria Tabajara do Samba, Mestre Vitinho comanda um trabalho de precisão, cadência e resposta, sustentando o samba com força, balanço e identidade. A bateria se apresenta como um dos pilares do desempenho portelense para 2026, garantindo impacto sonoro e



A Portela leva à avenida um enredo de africanidade em terras gaúchas

sustentação rítmica ao longo de todo o desfile.

Outro destaque é a presença de Bianca Monteiro como rainha de bateria. Cria da escola, símbolo de chão e de identidade portelense, Bianca reforça o elo entre comunidade, tradição e representatividade. Sua atuação à frente da Tabajara do Samba potencializa o impacto visual e emocional da bateria, fortalecendo o discurso de uma Portela que valoriza suas raízes e sua própria história.

Com enredo de forte conteúdo simbólico, comunidade engajada, bateria segura e segmentos afinados, a Portela

se apresenta para o Carnaval 2026 como uma escola que não apenas busca notas, mas que promete emocionar, comunicar e reafirmar seu papel histórico no carnaval carioca. Uma Majestade que volta à Avenida com voz, alma e a certeza de que sua coroa segue viva sob o céu da Sapucaí.

O clima interno é de confiança e responsabilidade, com dirigentes, artistas e componentes conscientes do peso do pavilhão que defendem. A expectativa é de um desfile competitivo, tecnicamente sólido e capaz de recolocar a Portela no centro das grandes disputas pelo título.

DIA 15
21:30



ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação

28/04/1928

Cores

Verde e Rosa

Presidente de Honra

Eli Gonçalves da Silva
(Chininha)

Presidente

Guanayra Firmino

Carnavalesco

Sidnei França

Direção de Carnaval

Dudu Azevedo

Intérprete

Dowglas Diniz

Mestre de Bateria

Taranta Neto e Rodrigo
Explosão

Rainha de Bateria

Evelyn Bastos

Mestre-Sala e

Porta-Bandeira

Matheus Olivério e
Cintya Santos

Comissão de Frente

Karina Dias e Lucas
Maciel

ENREDO

MESTRE SACACA DO ENCANTO TUCUJU - O GUARDIÃO DA AMAZÔNIA NEGRA

AUTORES:

Pedro Terra,
Tomaz Miranda,
Joãozinho
Gomes, Paulo
César Feital,
Herval Neto e
Igor Leal

INTÉRPRETE:

Dowglas Diniz

Finquei minha raiz
no extremo norte onde começa o meu país
as folhas secas me guiaram ao turé
pintada em verde-e-rosa, jenipapo e urucum
árvore-mulher, mangueira quase centenária
uma nação incorporada
herdeira quilombola, descendente palikur
regateando o amazonas no transe do caxixi
corre água, jorra a vida do oiapoque ao jari

Çai erê, babalaô, Mestre Sacaca
te invoco do meio do mundo pra dentro
da mata

Salve o curandeiro, doutor da floresta
preto velho, saravá
macera folha, casca e erva
engarrafa a cura, vem alumiar
defuma folha, casca e erva... Saravá

Negro na marcação do marabaixo
firma o corpo no compasso
com ladrões e ladainhas que ecoam dos
porões
ergo e consagro o meu manto
às bênçãos do espírito santo e são José de
macapá

sou gira, batuque e dançadeira (areia)
a mão de couro do amassador
encantaria de benzedeira que a Amazônia
negra eternizou

Vá, Benedita de Oliveira, mãe do Morro de
Mangueira
abençoe o jeito tucuju

A magia do meu tambor te
encantou no jequitibá chamei o povo
daqui, juntei o povo de lá
na estação primeira do Amapá



Eduardo Hollanda

A Mangueira leva sua tradição e potência a Sapucaí num desfile centrado na sabedoria ancestral afro-indígena

LOUVAÇÃO AO DOUTOR DA FLORESTA

FRED SOARES

Especial para o Correio da Manhã

A Estação Primeira de Mangueira atravessa a Marquês de Sapucaí neste domingo de carnaval reafirmando sua identidade histórica e musical, com o enredo “Mestre Sacaca do Encanto Tucuju - O Guardião da Amazônia Negra”, que dialoga com memória, resistência e cultura popular. A verde e rosa aposta em uma narrativa que conecta passado e presente, sustentada por um projeto visual consistente e por um samba que rapidamente caiu no gosto da comunidade.

Desenvolvido pelo carnavalesco Sidney França, o enredo homenageia Raimundo dos Santos Souza, o Mestre Sacaca, figura emblemática do Amapá.

Curandeiro, pesquisador da medicina popular e profundo conhecedor das ervas e saberes tradicionais da Amazônia, Sacaca tornou-se referência cultural em Macapá ao unir ciência, religiosidade e tradição oral. Sua trajetória representa a resistência dos saberes afro-indígenas e a valorização da cultura amazônica negra, eixo central da proposta mangueirense para este carnaval. “O nosso desfile nasce da escuta da comunidade e da vontade de contar uma história que faça sentido hoje. A Mangueira tem compromisso com sua gente e com o país. É um enredo que emociona, mas também provoca”, afirmou o carnavalesco.

A presidente da escola também ressaltou o papel agregador da verde e rosa: “A Mangueira tem uma responsabilidade histórica. Somos uma escola que ajudou a construir a cultura do

samba e da música brasileira. Entramos na Avenida com respeito à nossa tradição e confiança no trabalho que foi realizado”, disse Guanayra Firmino.

Mas é impossível falar de Mangueira sem destacar sua bateria, conhecida por uma das marcações mais características do carnaval carioca. A batida mangueirense, marcada por uma cadência própria e por uma divisão rítmica que acentua o tempo de maneira singular, cria uma pulsação reconhecível desde os primeiros acordes. É um balanço que não atropela o samba, mas o sustenta com firmeza, valorizando o canto da comunidade e dando identidade sonora inconfundível ao desfile.

Falar de Mangueira é, inevitavelmente, falar da própria história do samba. A escola revelou e acolheu nomes fundamentais da música popular brasileira, como Cartola, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca, Jamelão, Tatinho e tantos outros que ajudaram a moldar a identidade cultural do país. Essa herança artística não é apenas memória: ela se manifesta a cada desfile, a cada samba entoado na quadra e na Avenida.

Combinando tradição e contemporaneidade, a Mangueira aposta na força de sua comunidade, na consistência do projeto artístico e na potência de seu canto para buscar um desfile que converse com sua história e, ao mesmo tempo, projete novos capítulos para a verde e rosa.

DIA 16
22H



MOCIDADE INDEPENDENTE
DE PADRE MIGUEL

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação

10/11/1955

Cores

Verde e Branco

Presidente

Flávio da Silva Santos

Carnavalesco

Renato Lage

Diretores de Carnaval

Marcelo Plácido e

Wallace Capoeira

Intérprete

Igor Vianna

Mestre de Bateria

Dudu

Rainha de
Bateria

Fabíola Andrade

Mestre-Sala e
Porta-Bandeira

Diogo Jesus e Bruna
Santos

Comissão de Frente

Marcelo Misailidis

ENREDO

RITA LEE, A PADROEIRA DA LIBERDADE

AUTORES:

Jeffinho
Rodrigues,
Diego Nicolau,
Xande de Pilares,
Marquinho
Índio, Richard
Valença, Orlando
Ambrósio, Renan
Diniz, Lauro Silva,
Cleiton Roberto e
Cabeça do Ajax

INTÉRPRETE:

Igor Vianna

Um belo dia resolvi mudar
cansei dessa gente careta
aos seus bons costumes eu sinto informar
formei outras ovelhas negras
a tropicalista do verbo sem freio
pra farda uma língua e o dedo do meio
cabelo de fogo e a lente encarnada
mutante da pele marcada
transo rock e samba pra sentir prazer
agora só falta você (yeah, yeah)

**Sou independente, fácil de amar
livre de qualquer censura
vem, baila comigo, só de te olhar...
Posso imaginar loucuras**

Amor é pra sempre
o corpo comendo entre a boca e o ventre
dedilha a guitarra (lá lá lá)
arranca as amarras e me bebe quente
meu doce vampiro além do querer
desculpe o auê!

Se é caso sério, eu lanço perfume
aumenta o volume que eu banco a verdade
não adianta prender
Santa Rita “Leeberdade”
vem, seja Pagu, se entrega
quem foge ao padrão vence a regra
sou voz feminina plural
assino a estrela no seu carnaval

**Mocidade êêêêê
minha Mocidade, voltei por você!
Desbaratina a razão, se joga, meu bem
no céu, no mar, na lua... Na Vila Vintém!**

Eduardo Hollana/Rio Carnaval



O pop rock caiu no samba: a Mocidade aposta na transgressão de Rita Lee para apresentar um carnaval diferente

SANTA RITA LEEERDADÉ... NO CARNAROCK

AFFONSO NUNES

Quem poderia imaginar uma roqueira paulistana virar enredo de escola de samba carioca. Mas Rita Lee (1947-2023), a nossa rainha do Rock, provou em vida a fragilidade dessas fronteiras. A cantora e compositora é a homenageada da Mocidade Independente de Padre Miguel neste carnaval, com o enredo “Rita Lee, a padroeira da liberdade.

O brilho de Rita se espalhou em várias direções. Ela gravou com João Gilberto clássicos como “Joujoux e Balangandãs”, de Lamartine Babo; compôs com Roberto de Carvalho o samba “Brasil é com S” (também cantado com João Gilberto); e deu sua versão para o “Samba do Arnes-to”, de Adoniran Barbosa. A própria “Tum

Tum”, parceria com Roberto no álbum “Santa Rita de Sampa” (1997), antecipava o enredo: “Eu bato samba de guitarra / Eu gosto tanto de café / Quanto de Coca-Cola... Existem sempre os dois lados da questão”. Rita ainda compôs a marchinha carnavalesca “Frou frou” e não escondia sua admiração por Carmen Miranda, chegando a imitá-la em “I like you so much”.

Mas não foi apenas essa diversidade musical que atraiu a equipe criativa da verde e branco da Vila Vintém, comandada pelo experiente carnavalesco REnato Lage, quatro vezes campeão na Sapucaí, três vezes com a Mocidade. “Ela foi uma pessoa que teve uma postura contestadora. Alguém muito lúcida e atenta às questões que realmente interessavam. Uma mulher fascinante”, reforça Marcelo Misailidis, responsável pela coreografia da comissão de frente da escola.

Com toda sua relevância, a Mocidade entende que o carnaval comporta todas as expressões artísticas. “Os desfiles de escola de samba são uma grande ópera a céu aberto. Eles obedecem toda a característica de narrativa como há em uma ópera, como um enorme espetáculo de grandes cenários e elencos gigantescos. Com essa densidade toda, os desfiles envolvem trabalho musical, artístico e cenográfico, indumentária e dança”, argumenta o coreógrafo.

O desfile preparado pelo carnavalesco Renato Lage vai além da biografia da homenageada para destacar o espírito transgressor de Rita e recomendar que quem foge ao padrão vence a regra.

O samba-enredo terá como intérprete Igor Vianna, estreante na escola e que segue os passos do pai Ney Vianna, que defendeu a Mocidade nos anos 1970 e 1980 e foi campeão no carnaval de 1985 com o enredo “Ziriguidum 2001”.

Roberto de Carvalho, viúvo de Rita, prometeu estar na avenida com a família e, em visita à quadra durante os preparativos, desejou “que tudo seja perfeito, de acordo com o astral que eu sinto aqui no rolé na Mocidade de Padre Miguel”. A agremiação de Padre Miguel, que conquistou títulos em 1979, 1985, 1990, 1991, 1996 e 2017, aposta que a irreverência, a liberdade e o deboche da artista encontram no carnaval um território fértil. Vai ter carnarock na Sapucaí!

DIA 16
23H30



BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
25/12/1948
Cores
Azul e Branco
Presidente de Honra
Aniz Abrahão David
Presidente
Almir Reis
Carnavalesco
João Vitor Araújo
Diretores de Carnaval
Marquinho Marino
Intérprete
Nino do Milênio e
Jessica Martin
Mestre de Bateria
Rodney e Plínio
Rainha de Bateria
Lorena Raissa
**Mestre-Sala e
Porta-Bandeira**
Claudinho e Selminha
Sorriso
Comissão de Frente
Jorge Teixeira e Saulo
Finelon

ENREDO

BEMBÉ

AUTORES:
Sidney de Pillares,
Marquinhos
Beija-Flor, Chacal
do Sax, Cláudio
Gladiador, Marcelo
Lepiane, João
Conga, Salgado
Luz, Julio Assis,
Diego Oliveira,
Diogo Rosa,
Manolo, Julio Alves,
Claudio Russo e
Léo do Piso
INTÉRPRETE: Nino
do Milênio e Jéssica
Martin

Não me peça pra calar minha verdade
pois a nossa liberdade, não depende de papel
em Santo Amaro, todo treze de maio
nossa ancestralidade é festejada à luz do céu

Ê Ê... João de obá, griô sagrado
Ê Ê... Herança viva no mercado

Cantando, saudamos a nossa fé
às nações do candomblé
onde a paz e o respeito
ressoam no couro do axé funfun
não tememos ataque algum
a rua ocupamos por direito

**Põe erva pra defumar
um ebó pra proteger
saraíié bokunan, saraíié!
Nosso povo é da encruza
arte preta de terreiro
é mistura de cultura
multidão de macumbeiro**

O povo gira no xirê, a celebrar...
A fé se espalha em cada canto, em cada olhar
transborda magia no toque do tambor
às yabás, o balaio e o amor...
Yemanjá alodê no mar (no mar)
é d'oxum toda beleza do ibá

é reza no corpo, é dança na alma
a rosa, a palma, o Omolocum...
É Dona Canô de todo recanto
evoco a Baixada de todos os santos!

**Atabaque ecoou, liberdade que retumba
isso aqui vai virar macumba!**

**Deixa girar que a rua virou Bembé
deixa girar que a rua virou Bembé
o meu egbé faz valer o seu lugar
laroyê, Beija-Flor, alafiá!**

BEIJA-FLOR VOA PARA A
SANTO AMARO DO BEMBÉ

FRED SOARES

Especial para o Correio da Manhã

A Beija-Flor de Nilópolis entra na Marquês de Sapucaí nesta segunda-feira de carnaval para buscar o bicampeonato carregando um marco histórico: será o primeiro desfile da escola desde 1976 - portanto, há 50 anos - sem Neguinho da Beija-Flor como intérprete principal. A voz que atravessou gerações, embalou títulos e se tornou sinônimo do próprio pavilhão azul e branco se despediu após a conquista do campeonato de 2025. Em seu lugar, a escola apresenta uma nova formação no microfone, escolhida por meio do reality show “A Voz do Carnaval”, que definiu Nino do Milênio e Jéssica Martin como os novos intérpretes oficiais.

O enredo deste ano, “Bembé”, desenvolvido pelo carnavalesco João Vitor Araújo, mergulha na história do Bembé de Santo Amaro da Purificação, manifestação afro-brasileira surgida no final do século XIX, na Bahia, como celebração de liberdade e resistência após a abolição da escravidão. A festa, marcada pela presença dos atabaques, dos rituais de matriz africana e da ocupação coletiva da rua como espaço sagrado, é reconhecida como patrimônio cultural e símbolo de afirmação da cultura negra. Um detalhe: Bembé é uma forma carinhosa que o caloroso povo baiano encontrou para se referirem ao Candomblé. “Queremos trazer para a Avenida a força espiritual e histórica do Bembé. É um enredo que fala de fé coletiva, de resistência cultural e de orgulho da nossa ancestralidade”, afirma o carnavalesco.

O presidente Almir Reis destaca o momento vivido pela agremiação: “Encerramos um ciclo glorioso com Neguinho e iniciamos outro com a mesma responsabilidade. A Beija-Flor é maior do que qualquer fase. Confiamos no trabalho que foi feito e na força da nossa comunidade para manter a escola competitiva.”

No carro de som, Nino do Milênio e Jéssica Martin assumem a responsabi-



Bembé do Recôncavo Baiano ceba ao carnaval carioca sob as asas da Beija-Flor

lidade de conduzir o samba-enredo em um ano simbólico. A escolha da dupla por meio de um programa televisivo aproximou o público do processo de definição da nova voz da escola e marcou uma mudança na forma de renovar um dos postos mais emblemáticos do desfile.

A bateria Soberana, comandada por mestre Rodney, promete imprimir cadência firme em sintonia com a atmosfera ritualística proposta pelo enredo, evocando a energia dos atabaques e reforçando a identidade rítmica que sempre foi uma das marcas da Beija-Flor.

À frente do pavilhão azul e branco, Claudinho e Selminha Sorriso completam 30 anos consecutivos defendendo a Beija-Flor na Sapucaí - um feito raro no carnaval - reafirmando técnica, entusiasmo e fidelidade a uma das bandeiras mais vitoriosas da história do carnaval carioca.

A campeã em 2025 retorna à Sapucaí unindo memória e renovação. Entre a despedida de uma voz histórica e a aposta em novos intérpretes, a escola transforma a transição em combustível artístico para tentar escrever mais um capítulo vitorioso em sua trajetória.

DIA 16
1H



UNIDOS DO VIRADOURO

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação

24/06/1946

Cores

Vermelha e Branca

Presidente de Honra

José Carlos Monassa

(in memoriam) e

Marcelo Calil Petrus

Presidente

Hélio Nunes

Carnavalesco

Tarcísio Zanon

Diretores de Carnaval

Alex Fab

Intérprete

Wander Pires

Mestre de Bateria

Ciça

Rainha de Bateria

Juliana Paes

Mestre-Sala e

Porta-Bandeira

Julinho e Rute

Comissão de Frente

Rodrigo Negri e

Priscilla Mota

ENREDO

PRA CIMA, CIÇA

AUTORES:

Claudio Mattos,
Renan Gêmeo,
Rodrigo Gêmeo,
Lucas Neves,
Rodrigo Rolla,
Ronaldo Maiatto,
Bertolo, Silvio
Mesquita,
Marcelo Adnet,
Anderson Lemos,
Sandrinho E
Thiago Meiners

INTERPRETE:

Wander Pires

Eu vi... a vida pulsar como fosse canção
milhões de compassos pra eternizar
em cada batida do meu coração
o som que reflete o seu bater
lá, onde o samba fez berço, do alto do morro
um menino orgulha Ismael, bicho novo
forjado nas garras do velho leão
contam no largo do Estácio
o destino em seu passo
que fez, pouco a pouco, uma chama acender
traz surdo, tarol e repique pro mestre reger

Quando o apito ressoa, parece magia
num trem caipira, no olhar da baiana
medalha de ouro, suingue perfeito
que marca no peito da escola de samba

Se a vida é um enredo, desfilou outros amores
maestro fez do couro sinfonia
na ousadia dos seus tambores
peça perfeita pra me completar
feiticeiro das evocações
atabaque mandou te chamar
pra macumba jogar poeira
no al to, vai resistir a caixa de Moacyr

legado do mestre caveira
sou eu mais um batuqueiro a pulsar por você
Ciça, gratidão pelas lições que eu pude aprender
e, hoje, aos teus pés
somos todos um nessa avenida
num furacão que nunca vai ter fim
nossa história não encontra despedida

Se eu for morrer de amor, que seja no
samba
sou Viradouro, onde a arte o consagrou
não esperamos a saudade pra cantar
do mestre dos mestres, herdei o tambor

O MAESTRO QUE FEZ DO COURO UMA SINFONIA

RAFAEL LIMA

A Unidos do Viradouro chega ao Carnaval 2026 olhando para dentro de sua própria história para transformar em enredo a trajetória de um dos maiores mestres de bateria do samba: Mestre Ciça. A vermelho e branco lá do outro lado da Ponte Rio-Niterói leva para a Marquês de Sapucaí um desfile que celebra a vida, a resistência e a dedicação de um sambista que ajudou a moldar o som, a cadência e a identidade rítmica do Carnaval carioca ao longo de quase quatro décadas no Grupo Especial.

A escolha do enredo reafirma uma característica marcante da Viradouro nos últimos anos: contar histórias humanas, vivas e profundamente ligadas aos pilares do desfile. Em 2026, a escola transforma a trajetória de Mestre Ciça em narrativa cênica, musical e emocional, exaltando o papel da bateria como coração da escola e como elemento que conduz a energia da avenida do primeiro ao último setor.

Com 38 anos ininterruptos à frente de baterias do Grupo Especial, Mestre Ciça construiu uma carreira marcada por regularidade, excelência e respeito. Sua filosofia de trabalho, baseada no cuidado com o ritmista, na disciplina e na valorização humana, ajudou a formar gerações de sambistas e consolidou baterias reconhecidas pelo peso, pela cadência e pela precisão. Na Viradouro, essa relação se fortaleceu e se transformou em um dos alicerces do sucesso recente da agremiação.

A presença de Mestre Ciça no barracão, nos ensaios e no cotidiano da escola ganha novo significado em 2026. Cada etapa da preparação passa a carregar também o simbolismo da homenagem, fortalecendo o vínculo entre mestre, ritmistas e comunidade. O clima nos ensaios reflete essa conexão: emoção, responsabilidade e a consciência de que a bateria será não apenas um segmento técnico, mas um dos grandes protagonistas narrativos do desfile.

O enredo deste ano também dialoga



Mestre Ciça se emociona em ensaio técnico da Viradouro: um enredo vivo e fundamental na história do carnaval carioca

com o momento atual da Viradouro, que se consolidou como uma das principais forças do Carnaval carioca na última década. Campeã em 1997, 2020 e 2024, a escola chega a 2026 com a confiança de quem sabe competir em alto nível e, ao mesmo tempo, emocionar ao contar histórias que nascem dentro da própria

quadra e do próprio chão da escola.

A homenagem a Mestre Ciça não é apenas um reconhecimento individual, mas um tributo coletivo à bateria, ao ritmista e à cultura do samba como espaço de pertencimento, disciplina e emoção. Neste desfile, a Unidos do Viradouro promete transformar essa história em espetáculo, reafirmando sua força competitiva e, sobretudo, sua capacidade de emocionar ao contar histórias reais, vivas e profundamente ligadas à alma do carnaval.

Thomas Reis/Rio Carnival

DIA 16
21:30



UNIDOS DA TIJUCA

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
31/12/1931
Cores
Azul e Amarelo
Presidente
Fernando Horta
Carnavalesco
Edson Pereira
Diretores de Carnaval
Fernando Costa e Elisa Fernandes
Intérprete
Marquinhos Art'Samba
Mestre de Bateria
Casagrande
Rainha de Bateria
Mileide Mihaile
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Matheus Miranda e Lucinha Nobre
Comissão de Frente
Bruna Lopes e Ariadne Lax

ENREDO CAROLINA MARIA DE JESUS

AUTORES:
Lico Monteiro,
Samir Trindade,
Leandro Thomaz,
Marcelo Adnet,
Marcelo Lepiane,
Telmo Augusto,
Gigi Da Estiva
E Juca
INTÉRPRETE:
Marquinhos
Art'samba

Eu sou filha dessa dor
que nasceu no interior de uma saudade
neta de preto velho
que me ensinou os mistérios
bitita cor, retinta verdade
me chamo carolina de jesus

Dele herdei também a cruz

Olhe em mim eu tenho as marcas
me impuseram sobreviver
por ser livre nas palavras
condenaram meu saber
fui a caneta que não reproduziu

a sina da mulher preta no brasil

**Os olhos da fome eram os meus
justiça dos homens, não é maior que a de
deus
meu quarto foi despejo de agonia
a palavra é arma contra a tirania**

Sonhei sobre as páginas da vida
ilusões tolhidas no sistema algoz
que tenta apagar nossa grandeza
calar a realza que resiste em nós
dos salões da burguesia aos barracos
do borel

onde nascem carolinas
não seremos mais os réus
por tantas marias que viram seus filhos
crucificados
nas linhas da vida, verbo na ferida, deixei meu
legado
meu país nasceu com nome de mulher
sou a liberdade, mãe do canindé

Muda essa história, tijuca!
Tira do meu verso a força pra vencer
reconhece o seu lugar e luta
esse é nosso jeito de escrever

Eduardo Hollanda/Rio Carnaval



Carolina
Maria de
Jesus teve
a obra
traduzida
para mais de
150 países

ESCRITA QUE
LIBERTA

que encontrava no lixo, escrevia sobre a fome, a miséria, o racismo, a violência e o cotidiano da favela.

Assim que nasceu “Quarto de Despejo”, livro que revelou ao Brasil uma realidade que muitos fingiam não ver. Carolina virou conhecida como “a favelada que escrevia”. Sua obra incomodou porque denunciava políticos, expunha desigualdades e desmontava a imagem romantizada da pobreza. Em dramática retórica, reivindicava também o seu espaço no circo social, denunciando o palco que foi negado para as tantas peças que escreveu. Desconstruiu a romântica favela dos sambas de época e publicou o desejo maior dos desabrigados: a Casa de Alvenaria, símbolo do pertencimento à cidade.

O sucesso, porém, veio com limites. Esperavam que Carolina falasse apenas da favela e da miséria. Quando tentou ir além, escrever outras histórias, peças e poemas, foi deixada de lado. A ousadia de contrapor a estrutura, de transpor as barreiras a colocaram da porta para fora.

Mesmo assim, Carolina permaneceu e sua escrita resistiu ao apagamento e continuou viva nas páginas, nas memórias e nas inspirações que deixou. Sua gramática das ruas, mistura refinada do pretuguês com as catedráticas orações e rimas, deu forma e entendimento à gigantesca babel de cultura que somos, desafiando o preconceito da língua, da classe e da cor. É essa trajetória que a Unidos da Tijuca celebra com nome e sobrenome.

AFFONSO NUNES

Unidos da Tijuca é a última escola da segunda-feira e entra na avenida com um enredo forte, resiliente e libertador. “Carolina Maria de Jesus” conta a trajetória de uma das mais notáveis escritoras brasileiras, mulher negra e periférica que transformou palavra em sobrevivência, denúncia em literatura e fez de sua vida um legado.

O enredo assinado pelo carnavalesco Edson Pereira, resgata essa trajetória marcada por exclusão, racismo e resistência. A atriz Cyda Moreno, que já interpretou Carolina no teatro durante seis anos consecutivos com o espetáculo “Eu Amarelo, Carolina Maria de Jesus”, agora leva a escritora ao maior palco a céu aberto do mundo. “Ela é um exemplo de força, resistência e superação do racismo, da miséria e da exclusão. O desfile exaltará as mulheres negras, centenas de ‘Carolinas’ que lutam contra a fome, por

respeito, por dignidade e pelos direitos de cidadãs”, afirma a atriz.

Antes de ser conhecida pelo mundo, Carolina Maria era chamada de Bitita, que significa “de cor preta” na língua changana de Moçambique. Essa menina negra nasceu no interior de Minas Gerais, num Brasil ainda marcado pelas feridas da escravidão recém-abolida. Cresceu nos confins do cerrado mineiro, num cenário colorido por marafantonas e congados, onde aprendeu com seu avô Benedito os segredos que só o tempo revela no encanto do falar e do ouvir. Nas barras das saias da mãe, tias e madrinhas, se entrelaçou ao poder das coisas ditas, ao espírito desconhecido das letras e palavras que desejava conhecer. Bitita deu lugar à Carolina quando esta aprendeu que, para existir aos olhos do mundo, era preciso ter um nome, uma assinatura.

Os caminhos e descaminhos da vida a levaram para São Paulo. Sem emprego fixo na metroóle, foi morar na favela do Canindé. Para sobreviver, catava papel, ferro e restos pelas ruas. Também catava histórias. Nos cadernos em branco

DIA 17
22H



PARAÍSO DO TUIUTI

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
05/04/1952
Cores
Azul e Amarelo
Presidente
Renato Thor
Carnavalesco
Jack Vasconcelos
Diretor de Carnaval
Leandro Azevedo
Intérprete
Pixulé
Mestre de Bateria
Marcão
Rainha de Bateria
Mayara Lima
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Vinicius Antunes e Rebeca Tito
Comissão de Frente
David Lima

ENREDO

LONÃ IFÁ LUKUMI

AUTORES:
Claudio Russo,
Gustavo Clarão
e Luiz Antonio
Simas
INTÉRPRETE:
Pixulé

Meu padrinho me falou
cada um tem seu orí
o destino é professor
a raiz é Lucumi
ifá, retira dessa flor os seus espinhos
revela meu odu e seus caminhos
com os ikins de Orunmilá
me dê seu irê para vida
Olodumarê criador
espalhou axé e amor
no ilê dos orixás
e o negro iniciado no segredo
do reino de Olokun fez sua trilha
rompendo os grilhões de morte e medo

foi o primeiro babalaô da ilha

**Babá moforibalé, babá moforibalé
Orunmilá talade, babá moforibalé**

Eleguá
é o dono do poder
moenda não pode mais moer
põe fogo na cana

**Eleguá tem mandinga e dendê
hoje o coro vai comer
nas barbas de Havana**

Ah! O ânimo de ser do baticum
com a lâmina sagrada de ogum

e a sina de quem ama o idefá
ah! A rama do Caribe se expandiu
no verde e amarelo do brasil
nas cordas do opelê e no oponifá
derruba o muro quem sabe asfaltar
caminhos abertos na mão de ifá
que o mundo entenda
o ebó vence a dor
sentado à esteira de um babalaô

**Ibarabô, agô lonã
Olukumi
iboru iboya ibosheshe
canta Tuiuti!**

Eduardo Hollanda/Rio Carnaval



O enredo da Tuiuti mostra os caminhos do ifá pela diáspora africana

O ORÁCULO QUE GUIA DESTINOS

AFFONSO NUNES

A Paraíso do Tuiuti chega a mais um desfile no Grupo Especial apostando num enredo de forte densidade simbólica. “Lonã Ifá Lucumí” acompanha o destino do Ifá ao longo da história da humanidade, da criação do mundo à sua expansão pelas Américas. Lonã significa destino, conceito que organiza toda a narrativa. Orunmila, orixá responsável pela comunicação entre os orixás e os humanos por meio do jogo do Ifá, o oráculo iorubá, é o eixo central do desfile. “Ele é o senhor do destino. Ele conhece o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro. Ele é o teste-

munho da criação de tudo e de todos”, afirma o carnavalesco Jack Vasconcelos. A abertura do desfile apresenta a criação do universo, da natureza e dos homens a partir da cosmovisão iorubá. Quando Olodumare, o supremo criador da existência, soprou o Emi (energia vital) para que o primeiro ser humano moldado por Obatalá ganhasse vida com seu Orí divinizado, Orunmila estava presente e tudo assistiu. Todos os seres foram conectados energeticamente e os orixás, regentes das forças da natureza, passaram a comandar cada aspecto e expressão da vida humana. Orunmila, testemunha da criação, recebeu de Olodumare a dádiva de ser seu porta-voz no oráculo de Ifá para guiar a humanidade pelo bom caminho através da comunicação espiritual entre a dimensão

terrena, o Ayiê, e a dimensão sobrenatural das divindades, o Orún.

O primeiro setor se concentra em Ilé Ifé, considerada pela cultura iorubá a primeira cidade da humanidade, fundada por Odudua e onde os primeiros humanos moldados por Obatalá iniciaram sua caminhada na Terra. É ali que Orunmila transmite o conhecimento do Ifá aos primeiros babalaôs, responsáveis por levar essa sabedoria ao mundo. “Eles recebem a missão de espalhar o Ifá pela humanidade”, explicou Jack. Sentados sobre a esteira de palha, aprenderam a decifrar as mensagens de Orunmila contidas nos Odús que se desenham ao jogarem o cordão trançado com oito metades de favas de Opelê sobre o tabuleiro de madeira Oponifá.

O enredo acompanha a expansão desse conhecimento por diferentes civilizações, seguindo antigas rotas africanas. Os babalaôs iorubás levaram o Ifá praticado em Ifé e na cidade de Oyó para além do Saara, de Kemet à Babilônia, semeando a palavra de Orunmila. O desfile avança então para a diáspora africana e a chegada do Ifá às Américas. O caminho de Ifá cruzou o Atlântico à força, acorrentado no destino dos iorubás escravizados e traficados para a exploração do Novo Mundo. Olokun, divindade soberana dos mares, transportou em suas águas a tradição religiosa africana até o mar caribenho para que a ancestralidade iorubana fosse recebida pela ancestralidade indígena de Taínos e Ciboneys em Cuba.

O Ifá surge com o babalaô Remigio Herrera, um ex-cativo de engenho que, quando alforriado, foi para a Nigéria ser consagrado em Oyó. Com a missão dada por Orunmila de fundar o primeiro Cabil-do Lucumí na América hispânica, retornou a Cuba trazendo os fundamentos da Regla de Ifá e iniciou o primeiro babalaô em solo cubano, Tata Gaytán.

Jack explica que o recorte também dialoga com a chegada de um babalaô cubano ao Rio no fim dos anos 1990. “Esse Ifá Lucumí encontra aqui um solo fértil, floresce para o Brasil inteiro e agora para o mundo também”, disse. O destino quis que o Ifá Lucumí se ramificasse até o Brasil e se consolidasse no Rio de Janeiro através do babalaô cubano Rafael Zamora. A grandiosidade estética acompanha o conceito. O abre-alas será um dos maiores já levados pela escola à Sapucaí, com cerca de 60 metros de comprimento. “A gente está indo com tudo”, resumiu Jack. No encerramento, o desfile assume tom mais reflexivo. “A missão da Tuiuti é mostrar que todos estamos interligados. Todas as ações geram consequências, físicas e espirituais”, afirmou.

DIA 17
23h30



UNIDOS DE VILA ISABEL

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
04/04/1946
Cores
Azul e Branco
Presidente de Honra
Martinho da Vila
Presidente
Luiz Guimarães
Carnavalesco
Leonardo Bora e
Gabriel Haddad
Diretores de Carnaval
Moisés Carvalho
Intérprete
Tinga
Mestre de Bateria
Macaco Branco
Rainha de Bateria
Sabrina Sato
**Mestre-Sala e
Porta-Bandeira**
Raphael Rodrigues e
Dandara Ventapane
Comissão de Frente
Alex Neoral e Márcio Jahú

ENREDO

MACUMBEMBÊ, SAMBOREMBÁ: SONHEI QUE UM SAMBISTA SONHOU A ÁFRICA

AUTORES:
Andre Diniz,
Evandro Bocão E
Arlindinho
INTÉRPRETE:
Tinga

Sonhei macumbembê, sonho samborembá
macumba é samba e o samba é macumba
pode até fazer quizumba, só não pode é
separar
sonho samborembá, macumbembê
vem da mãe-terra, firmou ponto na Bahia
e na África pequena germinou pra florescer
ê, quilombo... É a pedra do sal
arraigou em terreiro e quintal
no chão batido assentou o fundamento
foi o Lino de madrinha
de padrinho, espelhamento
flutuou na capoeira ao perfume de Ciata
negro príncipe de ouro...

O anjo de asas de prata

**Um ogã-alabê, macumbeiro
a fumaça do cachimbo, preto-velho
soprou
encanto da gira e da roda de bamba
poesia na curimba, batuqueiro e cantor**

foi do lundu e do cateretê
alinhou no linho santo, cavaquinho na mão
apaixonado Pierrot, afro-rei
a flecha certa de Oxóssi na canção
reluz nas escolas, em Noel e Cartola
ganhou o mundo com o mundo de Paulo

Brazão
de todos os tons, a Vila negra é
de todos os sons, a negra Vila é
de China e Ferreira, mocambo macacos e pau
da bandeira
da nossa favela branca e azul do céu
no branco da tela, o azul do pincel
vem ser aquarela, pintar a unidos de Vila Isabel

**Ora yê yê ô, Oxum
kabecilê, Xangô
meus sonhos e tambores, tintas e
“prazeres”
pra você, Heitor**



A Vila Isabel associa o samba à macumba e a macumba ao
samba, como tão bem nos ensinou Heitor dos Prazeres

UMA TELA VIVA
COM SAMBA
E MACUMBA

AFFONSO NUNES

“A Macumba é o ritual mais aproximado do Samba. Já está a Macumba aí. Quanto ao Samba... a origem do Samba é a Macumba.” A frase de Heitor dos Prazeres, registrada em depoimento ao Museu da Imagem e do Som em 1966, resume o conceito central do desfile da Unidos de Vila Isabel para o Carnaval de 2026. Com o enredo “Macumbembê, Samborembá: Sonhei que um sambista sonhou a África”, a escola propõe uma imersão no universo criativo de Heitor,

sambista, pintor, compositor e um dos grandes nomes da cultura popular brasileira. Desenvolvido pelos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, o enredo não segue uma linha biográfica tradicional. A proposta é costurar sonhos, memórias, imagens e símbolos que atravessam a obra de Heitor, conectando a Pequena África carioca a uma África sonhada, reinventada e celebrada como território espiritual, artístico e comunitário. “A ideia nunca foi copiar ou refazer as telas do Heitor na Avenida, mas retirar referências, imagens poéticas, as cores, as formas dos personagens e levar isso para o nosso desfile. A gente observou muito as estam-

parias presentes na obra dele, a paleta de cores e a maneira como ele representava o cotidiano”, explica Gabriel. A narrativa começa com Lino, apelido do menino artilheiro que cresceu entre as ruas do Rio e as famílias de sangue e de santo. Foi por meio de Hilário Jovino, seu padrinho, que conheceu o reino de Ciata, a mais afamada das Tias em cujos quintais o samba fervia. Na casa de Tia Ciata, lugar da roda onde a Macumba e os tambores educavam pelo toque, o jovem Lino foi Alabê-Nilu, comparsa de Pixinguinha, cantor-tocador de atabaques, Ogã de Xangô e de Oxum. Ali, no terreiro que era casa e travessa, tudo estava misturado: caboclos e pretos-velhos, fumaças dos cachimbos, pés descalços vibrando a gira. Guiado por Hilário e Hilária, o menino cresceu intrépido e virou Mano Heitor do Cavaco. Sempre muito alinhado, gravata borboleta, paletó bem cortado, anéis reluzindo nos dedos, era a nata da malandragem, a modernidade negra. Um dândi a flunar por bares e gafieiras, costurando a cidade inteira. Quando vinha o carnaval, a disputa se acentuava. No concurso de Zé Espinguela ganhou o primeiro lugar. Escolas de samba nasciam e o moço estava no meio: Deixa Falar, Portela, Mangueira. Em cada pavilhão um reinado, o bordar de uma nova estrela. Brindou com Noel Rosa, pegou o bonde da história vestido de baiana. Pintou e bordou, este líder nato. Foi mestre da própria oficina, nas tramas da moda, nos palcos e coxias, sob as luzes dos cassinos, no vuco-vuco das Bienais. Gravou a Macumba em disco para consagrar a fé e a farra como a fusão maior. Até gentes de outras terras, Josephine Baker, Orson Welles, se deixaram guiar pela ginga do alfaiate-pintor. Um dos eixos centrais do enredo é a conexão Brasil-África, construída a partir da participação de Heitor no Primeiro Festival Mundial de Artes Negras, realizado em Dakar, Senegal, em 1966. “A relação África-Brasil se dá no nosso enredo por conta da participação do Heitor nesse festival. Ele foi pessoalmente, expôs obras e também foi representado por um documentário. E a própria Vila Isabel também esteve presente nesse momento histórico”, conta Gabriel. Elementos simbólicos desse universo estarão presentes nas fantasias e alegorias: pisos de taco, instrumentos musicais que dialogam com o samba e com os rituais, pontos riscados, estrelas, velas e referências diretas aos terreiros e às práticas religiosas afro-brasileiras. A proposta é transformar a avenida em uma grande tela viva, onde fé, arte e música se confundem e se complementam.

DIA 17
1h



ACADÊMICOS DO GRANDE RIO

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
22/09/1988
Cores
Vermelho, Verde e Branco
Presidentes de Honra
Jayder Soares, Leandro Soares e Helinho de Oliveira
Presidente
Milton Abreu do Nascimento (Perácio)
Carnavalesco
Antônio Gonzaga
Diretor de Carnaval
Thiago Monteiro
Intérprete
Evandro Malandro
Mestre de Bateria
Fabrício Machado (Fafá)
Rainha de Bateria
Virginia Fonseca
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Daniel Werneck e Taciana Couto
Comissão de Frente
Hélio Bejani e Beth Bejani

ENREDO A NAÇÃO DO MANGUE

AUTORES:
Ailson Picanço, Marquinho Paloma, Davison Wendel, Xande Pieroni, Marcelo Moraes E Guga Martins
INTÉRPRETE:
Evandro Malandro

Lá vem caboclo, herdeiro de zumbi a nação está aqui não se curva ao poder escute, nossa gente vem da lama resistência que inflama quando toca o xequerê casa de gueto! Casa de gueto! Nossa voz que não se cala batuque sem medo, por direito é o toque das alfaias eu também sou caranguejo à beira do igarapé gabiru trabalha cedo, cata o lixo da maré

“manamauê” maracatu saluba, é Nanã yabá a vida parecida com as águas não é doce como o rio nem salgada feito o mar

A margem já subiu para a cidade entre tronco e cipó rebeldia dá um nó... Pensamento popular Gramacho encontrou Capibaribe num mundo livre quero ver você cantar freire, ensine um país analfabeto que não entendeu o manifesto da consciência social

Chico, Mangubeat “tá” na rua Caxias comprou a luta e transforma em carnaval respeite os tambores do meu ilê respeite a cadência do meu ganzá à frente, o estandarte do meu povo pra erguer um tempo novo que nos faz acreditar

Eu sou do mangue, filho da periferia sobre uma palafita grande rio anunciou ponta de lança é daruê dobra o gonguê... A revolução já começou!

A POTÊNCIA DA LAMA PARA INUNDAR A AVENIDA

RAFAEL LIMA

Da lama dos manguezais do Recife para a passarela do samba, a Acadêmicos do Grande Rio leva ao Carnaval 2026 um desfile que conecta o Nordeste à Marquês de Sapucaí por meio de uma das mais marcantes revoluções culturais do Brasil: o mangubeat. A escola de Duque de Caxias aposta em um enredo urbano, ancestral e contemporâneo ao mesmo tempo, que transforma o mangue em símbolo de criatividade, resistência e potência cultural nascida nas periferias e projetada para o mundo.

O desfile percorre o território simbólico do mangue, espaço de sobrevivência, trabalho e criação, apresentando o cotidiano dos catadores de caranguejo, a vida nas margens e a força da ancestralidade que o rege. A narrativa parte das raízes para alcançar a explosão artística que marcou o movimento liderado por Chico Science e Nação Zumbi, responsável por unir maracatu, rock, hip-hop e influências globais em uma linguagem própria, original e transformadora.

A presença simbólica de Nanã, divindade ligada à lama, à criação e aos ciclos da vida, surge como um dos fios condutores do enredo, reforçando a conexão entre espiritualidade, natureza e cultura popular. A lama, longe de ser vista como limite, se transforma em elemento de fertilidade criativa, de onde brotam sons, imagens, ideias e uma nova estética que redefiniu a música e o comportamento urbano no Brasil dos anos 1990.

Visualmente, o desfile da Grande Rio se constrói em diferentes camadas, acompanhando a própria trajetória do mangubeat. Os primeiros setores apostam em uma linguagem mais rústica e artesanal, remetendo à terra, ao manguezal e ao trabalho manual, com texturas, tons naturais e referências à vida nos estuários. Em seguida, a escola transita para uma estética mais tradicional do carnaval, com brilho, pedrarias e paetês, simbolizando a expansão cultural e o diálogo com o espetáculo.

Na chegada ao universo urbano, o desfile assume uma linguagem contem-



Ao evocar os manguezais, a tricolor de Duque de Caxias chega ao movimento Mangubeat

porânea, incorporando grafite, transparências, materiais modernos e referências à arte de rua, refletindo a estética das periferias, a cultura jovem e o impacto do mangubeat nas cidades. Essa transição visual reforça a ideia de transformação, mostrando como um movimento nascido na lama foi capaz de dialogar com o mundo, influenciar gerações e ocupar espaços centrais da cultura brasileira.

Com um enredo de forte identidade

cultural, narrativa envolvente e proposta visual dinâmica, a Grande Rio promete um desfile na terça-feira de Carnaval que une ancestralidade, modernidade e emoção. A escola se apresenta como porta-voz de uma revolução estética que brotou do mangue para conquistar palcos, mentes e corações, levando para a Sapucaí um carnaval que pulsa ao ritmo da lama, da cidade e da criatividade sem fronteiras. Arretada, Grande Rio!

Dia 17
21h30



ACADÊMICOS DO SALGUEIRO

Assista aqui ao
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

Fundação
05/03/1953
Cores
Vermelho e Branco
Presidente de Honra
Djalma Sabiá
Presidente
André Vaz da Silva
Carnavalesco
Jorge Silveira
Diretor de Carnaval
Wilsinho Alves
Intérprete
Igor Sorriso
Mestre de Bateria
Guilherme e Gustavo
Rainha de Bateria
Viviane Araújo
Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Sidcley Santos e Marcella Alves
Comissão de Frente
Paulo Pinna

ENREDO

A DELIRANTE JORNADA CARNAVALESCA DA PROFESSORA QUE NÃO TINHA MEDO DE BRUXA, DE BACALHAU E NEM DO PIRATA DA PERNA-DE-PAU

AUTORES:
Rafa Hecht, Samir Trindade, Thiago Daniel, Clairton Fonseca, Fabrício Sena, Deiny Leite, Felipe Sena, Ricardo Castanheira, Jp Figueira, Deco, Marcelo Motta, Dudu Nobre, Julio Alves, Manolo, Daniel Paixão, Jonathan Tenorio, Kadu Gomes, Ze Moraes, Jorge Arthur E Fadico
INTÉRPRETE:
Igor Sorriso

Eu viajei nos rococós da ilusão
arte que me inspirou
reencontrei, no mundo de imaginação
memórias que você criou
dos livros revi personagens
barrocas imagens e nobres lembranças
ao visitar meus sonhos de faz de conta
me desenhei criança, voltei a ser feliz

Que ti-ti-ti e esse pelo mundo a me levar?
Naveguei sem sair do meu lugar
aportei no dia 22 de abril a sombra de
um pau-brasil

Assim descobri meu país
fauna e flora, pelo seu olhar
os donos da terra brasilis...
Um jegue me fez balançar...
Nas prateleiras do lado de ca do equador
devorei a nação
andar na ouvidor virou caso de amor
pro meu coração

Mestra, você me fez amar a festa e eu virei
carnavalesco
sonhei ser rosa, te faço enredo

Mestra, você me fez amar a festa tantos
alunos por aqui...
Segue o legado na Sapucaí!

Ô lê lê! Eis a flor dos amanhãs
a décima estrela brilha em Rosa
Magalhães
onde o samba é primavera, que
floresce em fevereiro
nem melhor, nem pior... Salgueiro!

Eduardo Hollanda/Rio Carnaval



Uma viagem pelo universo criativo de Rosa, marcado por histórias, contos e lendas

UMA ARTESÃ DE
SONHOS E DELÍRIOS
PARA ENCANTAR
A AVENIDA

RAFAEL LIMA

Fechando o Carnaval 2026, o Acadêmicos do Salgueiro promete transformar a Marquês de Sapucaí em um grande palco de imaginação, memória e emoção ao apresentar um desfile inteiramente dedicado ao legado de Rosa Magalhães. A escola tijuca encerra a última noite com uma homenagem à artista que redefiniu a estética, a narrativa e a forma de contar histórias no Carnaval carioca, consagrando-se como a carnavalesca mais premiada da era do Sambódromo e uma das grandes responsáveis pela construção do espetáculo moderno da Avenida.

O enredo propõe uma viagem pelo

universo criativo de Rosa, marcado por histórias, contos, lendas, mundos encantados e uma paleta de cores exuberante. A narrativa leva o público para dentro da mente criadora que revolucionou o desfile como linguagem artística, sempre aliando rigor de pesquisa, sensibilidade estética e uma assinatura visual inconfundível.

A relação entre Rosa Magalhães e o Salgueiro é profunda e histórica. Foi na escola da Tijuca que a artista iniciou sua trajetória no Carnaval, integrando o movimento que, a partir dos anos 1960, transformou definitivamente a forma de conceber desfiles, valorizando pesquisa histórica, narrativa estruturada e uma estética cada vez mais sofisticada.

O desfile também dialoga com a con-

temporaneidade, unindo a memória da artista às tecnologias, dinâmicas e recursos visuais do Carnaval atual. A proposta é construir um espetáculo pensado para 2026, com interatividade, inovação e impacto visual, mantendo o espírito colorido, vibrante e emocional que sempre caracterizou os carnavais assinados por Rosa.

A Comissão de Frente ocupa papel central nessa homenagem. Segmento profundamente transformado por Rosa a partir dos anos 1990, quando passou a ser tratado como um espetáculo teatral coreografado, a abertura do desfile será uma das grandes chaves narrativas do enredo, reforçando o caráter teatral e narrativo que marcou sua obra.

Ao longo de mais de cinco décadas, Rosa Magalhães construiu uma marca registrada no Carnaval brasileiro, unindo fantasia, cenografia, literatura, história e artes visuais em um mesmo discurso estético.

O Acadêmicos do Salgueiro chega a 2026 com o desafio de encerrar o Carnaval com um desfile que uma memória, inovação e emoção coletiva. A escola aposta em um conjunto visual impactante e segmentos afinados para construir um grande arrastão final, transformando a homenagem em celebração e gratidão ao legado de uma artista que ajudou a definir o que é contar histórias na Avenida.

DIAS
13 E 14

SÉRIE OURO (GRUPO DE ACESSO)

OS DESFILES

SEXTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO

- * Unidos do Jacarezinho
- * Inocentes de Belford Roxo
- * União do Parque Acari
- * Unidos de Bangu
- * Unidos de Padre Miguel
- * União da Ilha
- * Vigário Geral

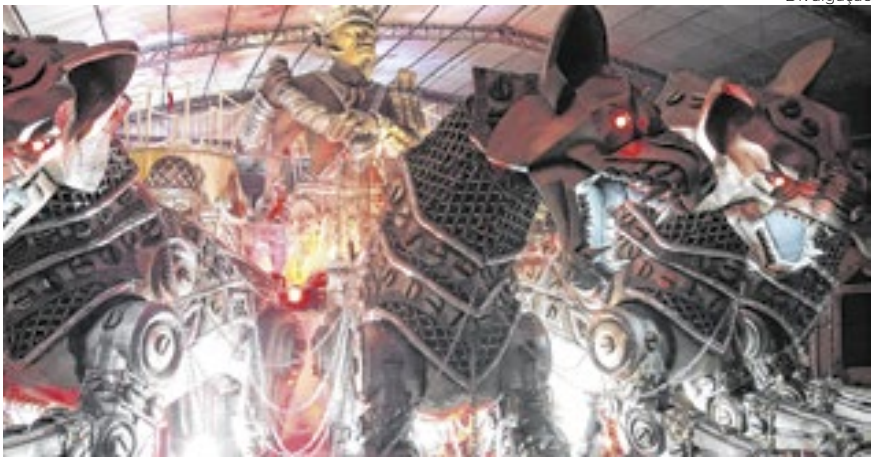
SÁBADO, 14 DE FEVEREIRO

- * Botafogo Samba Clube
- * Em Cima da Hora
- * Arranco do Engenho de Dentro
- * Império Serrano
- * Estácio de Sá
- * União de Maricá
- * Porto da Pedra
- * Unidos da Ponte



Império Serrano dribla dificuldades combinando tradição e força da comunidade

Arte e sonho em ESTADO BRUTO



União de Maricá desponta como uma das favoritas para alçar o topo

FRED SOARES

Especial para o Correio da Manhã

No carnaval, nem todo sonho nasce sob holofotes. Alguns começam em barracões improvisados, terrenos emprestados, galpões quentes demais no verão ou sob o risco constante de incêndios intempéries. É desse lugar - de trabalho árduo, pouco dinheiro e imaginação em estado bruto - que partem as escolas da Série Ouro, a segunda divisão do carnaval carioca, que desfilam nesta sexta e sábado a partir das 21h, na Marquês de Sapucaí, com transmissão ao vivo da Band TV para todo o Brasil.

Sob um abismo de investimento (as escolas deste grupo arrecadam no máximo R\$ 1,5 milhão diante dos cerca de R\$ 15 milhões do Grupo Especial), 15 escolas disputam mais do que um título. Há apenas uma vaga para o Grupo Especial de 2027, mas o campeonato carrega um peso estrutural inédito. Terminar entre as 13 primeiras colocadas garante às agremiações o direito de ocupar, a partir do próximo carnaval, os espaços da Cidade do Samba 2, complexo de barracões em construção pela Prefeitura do Rio, com as tão sonhadas condições de trabalho. A partir de 2027, a Série Ouro passa a ter 14 escolas: as 13 melhores de 2026, a campeã da Série Prata e a rebaixada do Grupo Especial. Não é detalhe administrativo; é uma vira-

da histórica para quem sempre produziu carnaval em condições precárias.

O grau de competitividade ajuda a explicar o clima de decisão. Das 15 escolas, 11 já passaram pelo Grupo Especial e carregam memória, ambição e conhecimento do jogo. União do Parque Acari, Acadêmicos de Vigário Geral, Botafogo Samba Clube e União de Maricá fogem à regra - esta última, curiosamente, apontada desde cedo como uma das favoritas. A Série Ouro de 2026 não trata apenas de acesso. Trata de permanência, estrutura e futuro.

Abrindo a primeira noite de desfiles, a Unidos do Jacarezinho coloca o campeonato em movimento com “O ar que se respira agora inspira novos tempos”, enredo que parte da trajetória de Xande de Pilares para falar de criação, pertencimento e da força cultural do subúrbio.

Logo em seguida, a Inocentes de Belford Roxo aposta no lúdico com “Um sonho de um tal pagode russo, nos frevos do meu Pernambuco”, misturando referências e brincando com encontros improváveis entre tradições populares.

Dando sequência, a surpreendente União do Parque Acari apresenta “Brasileira”, mergulho na história do Teatro Experimental do Negro, reafirmando o carnaval como espaço de memória, resistência e afirmação da cultura negra.

A Unidos de Bangu vem na sequência com “As coisas que mamãe me ensinou”, homenagem a Leci Brandão que traduz, em forma de desfile, valores como ances-

tralidade, educação e compromisso social. Olho na valentia do samba da escola.

Depois, a Unidos de Padre Miguel, última colocada no Grupo Especial em 2015, leva à Sapucaí “Kunhã-Eté: o sopro sagrado da Jurema”, trazendo saberes indígenas ligados à espiritualidade e uma homenagem a indígenas Clara Camarão, heroína da resistência às invasões holandesas em Pernambuco.

Mais tradição a seguir: a União da Ilha do Governador aposta na leveza com “Viva o hoje! O amanhã? Fica pra depois!”, usando o Cometa Halley como ponto de partida para refletir sobre o tempo e a urgência de celebrar o presente, e relembrar como a passagem do cometa em 1910 mexeu com a sociedade carioca.

Quem encerra a primeira noite é a Acadêmicos de Vigário Geral. A escola leva para a avenida o enredo “Brasil Incógnito: o que os seus olhos não veem, a minha imaginação reinventa”, que propõe uma viagem pela cartografia fantástica e mitológica do Brasil. A escola desafia a narrativa dos colonizadores com uma perspectiva de reinterpretação histórica.

No sábado de carnaval, a Botafogo Samba Clube abre a segunda noite com “O Brasil que floresce em arte”, homenagem ao paisagista Roberto Burle Marx, traduzindo sua obra em cores, formas e movimento.

Na sequência, a Em Cima da Hora apresenta “Salve todas as Marias - Laroyê, Pombagiras!”, exaltando a força feminina nas tradições afro-brasileiras.

O Arranco do Engenho de Dentro vem depois com “A gargalhada é o xamego da vida”, contando a história da Maria Eliza Alves dos Reis, a Palhaça Xamego, primeira palhaça negra do Brasil.

O tradicional Império Serrano leva à avenida “Ponciá Evaristo, flor do Mulungu”, homenagem a Conceição Evaristo, construída a partir do conceito de escrivência, lançado pela escritora.

Na sequência, a Estácio de Sá apresenta “Tata Tancredo - o Papa Negro no terceiro do Estácio”, exaltando Tancredo da Silva Pinto, o grande fomentador da Umbanda carioca que, entre outras coisas, criou a tradição de se passar a virada de ano nas praias com roupas brancas.

Um dos desfiles mais aguardados vem a seguir: a União de Maricá apresenta “Berenguendéns & Balangandãs”, com carnaval assinado por Leandro Vieira e Zé Paulo Sierra no carro de som, reforçando o status de favorita. O enredo mostra a tradição da produção de joias e bijuterias de origem africana na Bahia dos séculos 18 e 19.

Na penúltima apresentação, a Unidos do Porto da Pedra propõe reflexão com “Das mais antigas da vida, o doce e amargo beijo da noite”, revisitando a história da prostituição e sua influência na sociedade brasileira.

Fechando a Série Ouro, a Unidos da Ponte celebra a música preta e periférica com “Tamborzão - o Rio é baile! O poder é black!”, do maxixe ao funk.

Ao fim de dois dias, a Série Ouro reafirma seu papel como o território mais árduo - e talvez mais revelador - do carnaval carioca. Em 2026, desfilarm significa existir, permanecer e planejar o futuro. A Série Ouro não é apenas a segunda divisão do carnaval. É a linha de frente de quem luta para continuar fazendo samba.